

BARBOSA, C. "A Educação e a emancipação em Theodor Adorno". In. DICKMAM, Ivanio & BOEL, Márcia (Orgs.). *União pela educação*. Vol. 1. Veranópolis: Diálogos Freirianos, 2021, p. 311-330.

Autor: Cloves Barbosa. Doutor em Ciências Sociais (Política) pela PUC-SP. Membro do NEILS (Núcleo de Estudos da Ideologia e Lutas Sociais). Professor de Teoria Sociológica, Teoria Política e Epistemologia do curso de Ciências Sociais da Unifesspa (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará): cloves@unifesspa.edu.br.

RESUMO

Este artigo analisa o pensamento educacional de Theodor Adorno que está reunida no livro denominado "Educação e emancipação". O filósofo moderno Alemão revela a sua concepção de ser humano, de educação e de emancipação neste texto. Pode-se desvendar os pressupostos do pensamento do de Adorno como membro de um país arrasado pelas guerras mundiais. Os resultados desta análise apontam para a reflexão de Adorno como vinculada à filosofia de Kant que apresenta uma concepção de emancipação que foi adaptada para a situação alemã após a II Guerra mundial.

Palavras-chave: emancipação humana; educação, civilização, barbárie.

ABSTRACT

This paper analyses of Theodor Adorno's education think, that was published in the book "Educação e emancipação". The modern german philosophy show his human conception, education conception, and your emancipation conception into this book. Its possible to show the basis of Adorno's think with a link to Kant's Philosophy. The Kant emancipation conception was adapted to German situation behind II world War.

Key-words: Human emancipation, education, civilization, barbarism.

INTRODUÇÃO

Este artigo procura apresentar uma análise do pensamento educacional de Theodor Adorno que se encontra disponível no livro "Educação e emancipação". No conjunto de textos que compõem o livro, o autor apresenta os fundamentos filosóficos das concepções que ele mesmo desenvolve sobre a educação contextualizada na situação alemã após o fim da segunda guerra mundial, a concepção de ser humano, com os fundamentos filosóficos que acabam transparecendo na sua argumentação, e, que se vincula à proposta de emancipação humana.

O texto de Adorno revela a sua vinculação ao pensamento do filósofo do período do idealismo clássico alemão, que é o racionalista Immanuel Kant. Isto fica evidente na sua concepção liberal de mundo e de política, e, também, nos outros aspectos do seu pensamento e aparece no desenvolvimento da proposta de educação e de emancipação.

A hipótese deste trabalho é que, o pensamento de Adorno é tributário da filosofia de Kant e se insere nos limites da visão liberal de mundo.

Este trabalho é desenvolvido a partir de uma crítica textual que contextualiza o autor em sua época e no seu próprio país, e no mundo, como determinante real de sua vida, e na filosofia clássica alemã como determinante abstrata de seu pensamento.

Este trabalho está composto dos seguintes tópicos: 1) Os pressupostos sociais e filosóficos de Theodor Adorno; 2) A necessidade social e histórica da educação, e, 3) A educação e a emancipação.

1 – OS PRESSUPOSTOS SOCIAIS E FILOSÓFICOS DE THEODOR ADORNO

1.1 – Os pressupostos sociais e políticos de Adorno

Adorno expressa que a democracia vinha aparecendo no meio social como um espectro resultante do que ele chama de uma sociedade alienada. “Na linguagem da filosofia poderíamos dizer que na estranheza do povo em relação à democracia se reflete a alienação da sociedade em relação a si mesma” (ADORNO, 2012a:36). O que Adorno produz nesta formulação é uma elaboração política do que o texto do jovem Marx nos Manuscritos econômico-filosóficos” quando registrou que “a elevação do salário pressupõe o acúmulo do capital, e conduz a ele. Torna o produto do trabalho cada vez mais estanho (alheio) perante o trabalhador” (MARX, 2010:27).

A falta de vínculo entre a sociedade com o seu modo de produção e a forma de governo faz surgir o contexto (lugar teórico) apareça como um fantasma, por duas razões principais: a) A classe dominante quer se referir às classes dominadas como sendo provedora de bem-estar social, por meio de políticas de Estado com conteúdos assistenciais, e, talvez, distributivos, sem elevar as condições políticas, culturais e econômicas que resultariam num questionamento à chamada ordem social capitalista. Deste modo, trata-se, deste modo, de um mecanismo de legitimação de um tipo de dominação social e de exploração econômica; b) As classes dominadas, inclusive, a classe trabalhadora, vivenciando a democracia deformada, não a compreendem como um governo do povo, com o povo e pelo povo, cujo potencial em sociedades de classes é a da superação do estado de coisas (SAES, 1987:24, 33, e 83; e SAES, 1998:179).

Assim, a democracia não aparece como algo acabado e sócio politicamente estabelecido, mas sim, um conceito cujas formulações teóricas (abstratas) se refere a disputas e lutas eleitorais para consolidar e manter ou para estabelecer novos projetos sociais e seus respectivos interesses de frações presentes na sociedade. Evitar a democracia pode ser um meio de fazer com que o questionamento ao que está estabelecido apareça na agenda das discussões e das ações sociais, culturais e políticas.

Numa ordem social em que a democracia perde a sua potencialidade utópica, ela reduz a um conjunto de regras em que o jogo em que frações socioeconômicas entram em disputa se realiza sem questionar a situação política estabelecida e sem fazer desabrochar uma nova organização social do momento presente. Necessita-se, entretanto, evitar a repetição de um trauma que ainda se manifesta possível.

A elaboração do passado como esclarecimento é essencialmente uma tal inflexão em direção ao sujeito, reforçando a sua autoconsciência e, por esta via, também o seu eu. Ela deveria ser concomitantemente ao conhecimento daqueles inevitáveis truques de propaganda que atingem de maneira certa aquelas disposições psicológicas cuja existência precisamos pressupor nas pessoas (ADORNO, 2012a:48).

Adorno faz referência ao passado nazista de sua nação. Este é o passado a ser evitado. A via que ele propõe para isto transparece em suas formulações teóricas. É necessário realizar um esclarecimento do sujeito (sua autoconsciência; seu eu). Também dispor conhecimentos sobre truques de propaganda voltados às disposições psicológicas das pessoas. Evidente que ele se refere à propaganda nazista, cuja estratégia foi se vincular às predisposições psicológicas pessoais escondendo os conteúdos não populares do projeto político e econômico que estava em jogo.

Ainda mais, Adorno tem o eu e as pessoas como foco de atenção das ações que propõe como necessárias, e não foca a coletividade, nem a uma classe social específica. E termina: “O passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou. O encantamento do passado pôde manter-se até hoje unicamente porque continuam existindo as suas causas” (ADORNO, 2012a:49).

O posicionamento ideológico e político de Adorno o situa na defesa da chamada ordem mundial que resultou da Segunda Guerra Mundial. Esta ordem mundial que se difundiu sob o comando dos Estados Unidos da América do Norte (Oeste, Ocidente) e a sua contraposição ao chamado bloco comunista (Leste, Oriente).

Dizem que a liberdade precisa ser salva por encontrar-se ameaçada a partir do Leste, e não tenho ilusões quanto à regulamentação da consciência do lado de lá da fronteira. Mas às vezes me parece que a liberdade já se encontra abalada naqueles que formalmente ainda possuem, como se fosse hábitos intelectuais já se identificassem ao que é regressivo, ainda que não tenha sido prescrito; como se algo nas próprias pessoas esperasse por ser dispensado do peso da autonomia, cujo significado representa tudo o que alguma vez foi valorizado e considerado verdadeiro na Europa. Na incapacidade do pensamento em se impor, já se encontra à espreita o potencial de enquadramento e subordinação a uma autoridade qualquer, do mesmo modo como hoje, concreta e voluntariamente, a gente se curva ao existente (ADORNO, 2012b:71).

A bipolarização entre os blocos resultantes do último grande conflito mundial se tornou uma grande baliza que demarca campos de posições sociais e econômicas, de defesa de valores e ideologias, e de perspectivas políticas. Com relação ao aspecto econômico, a situação pós-guerra se manteve como antes, em razão da influência da nova nação imperialista mundial que tudo fez para manter a economia nos moldes capitalistas. Com relação ao exercício do poder político, a forma democrática liberal foi sustentada como a forma acabada em contraposição ao nazismo, que entendo como uma forma totalitária de Estado, do mesmo modo que o comunismo era concebido. Quanto a este contexto global, Adorno se situa numa posição que tanto procura evitar uma regressão – retorno à barbárie - quando evitar uma progressão – superação das condições capitalistas de vida.

Com relação a valores e ideologias, o frankfurtiano destaca a liberdade como um valor que está ameaçado, concretamente no Leste e potencialmente

na Alemanha e na Europa, com a chamada “regulamentação da consciência” do lado de lá (Leste) e da constatação de abalos “da consciência naqueles que ainda a possuem” (Oeste). A saída que aponta é baseada na filosofia de Kant. É este conteúdo filosófico que trataremos a seguir.

1.2 – A formação intelectual e filosófica.

Adorno sustenta a necessidade de inclusão de cada autor em uma postura filosófica como a forma de superar o senso comum - o que é louvável, pois, isto é fundamental para realizar uma postura crítica – e de se situar com maior eficiência no conjunto das produções teóricas, sem perder os acúmulos herdados da humanidade.

Não queremos impor aos nossos estudantes a deformação profissional daqueles que automaticamente consideram sua própria área de atuação como sendo o centro do mundo. A filosofia só faz jus a si mesma quando é mais do que uma disciplina específica (...). Se alguém é ou não é um intelectual, esta conclusão se manifesta sobretudo na relação com seu próprio trabalho e com o todo social de que esta relação forma uma parcela (ADORNO, 2012b:53 e 54-55).

É com este arcabouço teórico que Adorno embasa a qualificação de alguém como um ser intelectual. E, em seguida, ele mesmo declara a sua inserção numa das posturas filosóficas de grande influência no mundo configurado após a Segunda Guerra mundial. Ele busca os fundamentos para a sua reflexão nos filósofos que seguiram os pressupostos de Francis Bacon, cujos desdobramentos chegaram a Augusto Comte e outros seguidores. Ele mesmo afirma: “É difícil me convencer de que o *Essay concerning human understanding* (Ensaio sobre o entendimento humano) de Locke, que Kant considerava admirável, obra cuja leitura também para mim não constitui mero passatempo (ADORNO, 2012b:58. Grifos da fonte).

Do ponto de vista filosófico, o frankfurtianos em questão aqui é um racionalista que segue os pressupostos de Kant e se insere no idealismo deste filósofo clássico alemão. “Em seus trabalhos sente-se claramente o recuo de uma análise mais materialista e sociológica para uma ênfase crescente na estética” (FREIGAG, 2004:80). Enquanto um dos formuladores mais influentes do que veio a ser denominado de Escola de Frankfurt, que é um desdobramento do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, criado em 1923, Adorno é um eclético, assim como se a escola acabou caracterizando. “Adorno e Horkheimer ficaram presos, em metafísica e epistemologia, a determinados problemas que tinham mais um pé no passado do que no futuro próximo” (GIRALDELLI JÚNIOR, 2001:64). O recuo teórico, geralmente, acarreta um recuo social e político. Ele é um herdeiro do empirismo e se revela como um produtor intelectual liberal.

2 – A NECESSIDADE SOCIAL E HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO

2.1 – A situação alemã pós-guerra

Adorno delimita a sua postura teórica no contexto alemão após o fim da II Guerra Mundial. Neste contexto, torna-se necessário fazer um acerto com o passado alemão, para poder seguir um outro rumo.

O gesto de tudo esquecer e perdoar, privativo de quem sofreu a injustiça, acaba advindo dos partidários daqueles que praticaram a injustiça (...). O desejo de libertar-se do passado justifica-se: não é possível viver à sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo. O nazismo sobrevive, e continuamos sem saber se o faz apenas como fantasma daquilo que foi tão monstruoso a ponto de não sucumbir à própria morte, ou se a disposição pelo indizível continua presente nos homens bem como nas condições que os cercam (ADORNO, 2012a:29).

O filósofo aponta a necessidade de superar o passado, mas, isto precisa ser feito de uma maneira que distinga os agentes que sustentaram e os que sofreram com aquela situação, que foi superada militarmente, mas, os seus efeitos culturais, sociais e políticos ainda precisam ser resolvidos. O envolvimento na sustentação dos acontecimentos que tiveram a Alemanha como foco principal do conflito necessitam de uma avaliação e definição da maneira como isto dever ser superado. Ele alega que “o nazismo sobrevive”. E, por isso, ainda é preciso atuar na superação, jurídica, e cultural deste conteúdo ainda presente no país, com a avaliação da culpa pelo envolvimento naqueles acontecimentos para constituir as bases de uma nova cultura e postura geral para os alemães. “É razoável supor que existe uma proporção entre o gesto de não-ter-sabido-de-nada e uma indiferença ao menos embrutecida e amedrontada” (ADORNO, 2012a:30).

Se a expressão “não-ter-sabido-de-nada” expressa uma indiferença com relação aos acontecimentos, ela revela uma atitude preocupante, pois, demonstra o propósito de não avaliar, nem rever a história, e ainda, sem nenhuma preocupação com a constituição de uma nova postura social. Para Adorno, ainda é necessário discutir todos estes acontecimentos e avalia-los para que sejam superados concretamente. “Esta mentalidade dos que nada querem ouvir a respeito deste assunto encontra-se em conformidade com uma vigorosa tendência histórica” (ADORNO, 2012a:32). Ele ressalta que esquecer e fazer de conta que nada aconteceu, não é uma postura correta, e, emancipatória, e, aponta os limites desta proposição.

O movimento alemão de resistência ao nazismo permaneceu sem uma base de massas, base que dificilmente seria gerada com a derrota como se fosse um toque de mágica. É razoável supor que a democracia tenha raízes mais profundas do após a Primeira Guerra Mundial: pela politização das massas e contrariamente à sua própria intenção, o nacional-socialismo anti-feudal e estritamente burguês num certo sentido até mesmo se adiantou à democracia. Tanto a casta dos “Junkers” como o movimento operário radical desapareceram; pela primeira vez,

produziu-se algo próximo a uma situação burguesa homogênea (ADORNO, 2012a:34).

Com relação à I Guerra Mundial, o autor sustenta corretamente, que ocorreu na Alemanha, a passagem de uma situação feudal para o predomínio liberal capitalista. Ele caracteriza este processo como sendo a superação de um período histórico com a manutenção de uma postura política tradicional e centralizadora que deixou o processo inconcluso com relação à democracia. É este, para o autor, o contexto para a nova edição de um conflito mundial tendo a Alemanha como foco, agora, numa situação marcada pela economia liberal. O final do conflito definiu o contexto mundial de modo mais claro e delimita as relações internacionais com os seus acordos e conflitos ideológicos e políticos objetivos, e, também, as conotações subjetivas para as pessoas situadas neste período histórico.

Quanto aos aspectos subjetivos, o filósofo alemão sustenta que “No referente ao lado subjetivo, ao lado psíquico das pessoas, o nazismo insuflou desmesuradamente o nacionalismo coletivo, ou para falar simplesmente: o orgulho nacional” (ADORNO, 2012a:39). Sustenta ainda que: “não há nenhuma dúvida que o ideal fascista atual se funde com o nacionalismo dos chamados países subdesenvolvidos, agora chamados países em desenvolvimento” (ADORNO, 2012a:41). O contexto capitalista proporciona tanto o surgimento de propostas reprodutoras deste sistema econômico, cultural e político numa sociedade, quanto o surgimento de propostas utópicas buscam superar o modo de produção capitalista. E, o nazismo é uma proposição e um conjunto de ações e conteúdos culturais e ideológicos reprodutores das sociedades liberais burguesas.

O mesmo filósofo continua as suas reflexões: “A própria ideia de nação, em que outrora se reuniu a unidade econômica dos interesses dos cidadãos livres e independentes face às barreiras territoriais do feudalismo, converteu-se ela mesma em obstáculo para o evidente potencial da sociedade em conjunto” (ADORNO, 2012a:42). Forças sociais conservadoras permanecem numa sociedade transformada, apesar do novo contexto com a predominância de uma nova forma de produção e de distribuição de bens materiais e imateriais. Um conflito que se mantém em diversos aspectos e níveis sobrevive proporcionando uma pluralidade cultural instável. Estes aspectos se tornaram influentes no mundo e na Alemanha após o fim da II Guerra Mundial. Isto delimita os alinhamentos e desalinhamentos mundiais das subjetividades e das objetividades na condução das nações. E, a vitória dos aliados acarretou algumas consequências para a Alemanha.

Tanto a casta dos “Junkers” como o movimento operário radical desapareceram; pela primeira vez produziu-se algo próximo a uma situação burguesa homogênea. Porém o atraso na introdução da democracia na Alemanha, que não coincidiu com o liberalismo econômico pleno, além do fato de ser pelas mãos dos vencedores que se acabaria introduzindo a democracia, dificilmente deixaria de afetar as relações desta com o povo (ADORNO, 2012a:34-35).

Assim, o filósofo ressalta um pressuposto básico para a via e a política alemã. As relações entre governantes e população do país ficaram distantes do chamado ideal democrático. Em outras palavras. O liberalismo econômico não se fez acompanhar do liberalismo político. Os procedimentos democráticos chegam como uma das imposições dos vencedores do primeiro e do segundo grande conflito mundial.

Quanto aos aspectos objetivos, o filósofo alemão se associa ao conjunto dos países capitalistas liderados pelos Estados Unidos da América do Norte (EUA).

A resistência frente ao Leste contém em si mesma uma dinâmica que revigora o que se passou na Alemanha. E não só ideologicamente, porque o discurso da luta contra o bolchevismo desde sempre serviu de fachada para aqueles que não são melhores adeptos da liberdade do que o próprio bolchevismo (ADORNO, 2012a:37).

A reflexão de Adorno quanto aos aspectos objetivos coloca a opção entre os dois grandes vencedores a guerra no cenário europeu (EUA e URSS) com um aspecto ideológico que o leva a optar pelos EUA. Ele sustenta a resistência com relação ao Leste (europeu, ou seja, à URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), que a mesma se insere numa dinâmica que revigora os eventos ocorridos na Alemanha. Deste modo, o filósofo não consegue superar os limites da chamada guerra fria. Ele argumenta a favor de sustentar uma contraposição ao Leste (URSS). O conflito ideológico que ele observa na Alemanha contém a concepção de liberdade contextualizada nos limites do liberalismo.

Quando Adorno observa aspectos mais incisivos em prol da liberdade no Leste, ele quer ressaltar que as posturas envoltas nestas preocupações na Alemanha são como uma fachada dos que usam a liberdade como discurso, porém, deixam a desejar mesmo diante do que o Leste apresenta. Com esta postura, o filósofo não consegue desenvolver uma utopia que aponte para uma sociedade pós-capitalista.

2.3 – A tomada de partido na educação

Adorno aponta a necessidade de uma tomada de partido pelos professores diante da situação alemã resultante do conflito. Esta tomada de posição política tem a cultura como um dos pressupostos onde uma mentalidade popular precisa ser constituída para que esta não seja o sustentáculo de práticas como as que foram implementadas em Auschwitz. Isto não pode voltar a acontecer.

Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão. É isto que apavora (ADORNO, 2012e:119).

A Auschwitz real e simbólica precisam estar presentes de algum modo nas preocupações educacionais. Evitar que eventos deste teor nunca mais venha a acontecer é uma preocupação central do processo de formação das pessoas na Alemanha. Se o progresso comporta a possibilidade de um regresso, o que fazer para evitar que a chamada civilização retorne à barbárie. Com isto, o conteúdo social, filosófico e político dos conteúdos e das maneiras de ensinar e de aprender se tornam uma questão fundamental para uma educação que se quer emancipatória, que é, por natureza, com vistas para o futuro social e humano por completo.

A necessidade de que sejam superadas condições passada é fundamental para que o passado não volte a dominar. E Adorno aponta que:

O fascismo e o horror que produziu se relacionam com o fato de que se relacionar com o fato de que as antigas e consolidadas autoridades do império haviam ruído e se esfacelado, mas as pessoas ainda não se encontravam psicologicamente preparadas para a autodeterminação (...). Lembro-me que durante o processo sobre Auschwitz, em um de seus acessos, o terrível Boger culminou num elogio à educação baseada na força e voltada à disciplina. Ela seria necessária para constituir o tipo de homem que lhe parecia adequado. Essa ideia educacional da severidade, em que irrefletidamente muitos podem até acreditar, é totalmente equivocada (ADORNO, 2012e:123 e 128).

É quando uma sociedade não consegue tratar de seus conflitos internos de maneira adequada, a reprodução do sistema, principalmente econômico e cultural em crise, se volte a algum modelo passado, em vez de avançar. O fascismo surgiu desta situação. Ele é decorrente do contexto do capitalismo. A tecnologia obtinha progressos extraordinários, mas, os seres humanos permaneciam envolvidos numa cultura social e política abaixo das exigências dos tempos vividos por eles mesmos.

3 – A EDUCAÇÃO E A EMANCIPAÇÃO

3.1 – Educação para quê?

Adorno elabora uma questão que aponta para o que ele aponta como a educação precisa atuar. Educar é um ato humano, e, como tal, possui uma materialidade, uma forma, conta com instrumentos e possui uma finalidade. Este ato pedagógico precisa assumir uma postura social e política que tem o objetivo de transformar a realidade em que vivem, tanto os docentes, quanto os discentes.

Para onde a educação deve conduzir? A intenção era tomar a questão do objetivo educacional em um sentido fundamental, ou seja, que uma discussão geral acerca do objetivo da educação tivesse preponderância frente a discussão dos diversos campos e veículos da educação (ADORNO, 2012f:139-140).

No texto acima, Adorno ressalta a preocupação com o vínculo entre dois dos elementos constitutivos do ato pedagógico. Os objetivos da educação acarretam uma preocupação com os veículos pelos quais a educação se efetiva. Embora pareça que o filósofo se restrinja aos meios usados para realizar os atos

pedagógicos, ele vai além disso. “A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo” (ADORNO, 2012f:143).

Depois de defender que a educação precisa de uma tomada de partido social e culturalmente, ele, defende que a educação seja não ideológica. Esta postura negativa com relação às ideologias faz com que ele se afaste de constatar a necessidade de assumir ou de elaborar uma utopia para questionar a sociedade.

Em relação a esta questão, gostaria apenas de atentar a um momento específico no conceito de modelo ideal, o da *heteronomia*, o momento autoritário, o que é imposto a partir do exterior. Nele existe algo de usurpatório. É de se perguntar de onde alguém se considera no direito de decidir a respeito da educação dos outros (ADORNO, 2012f:141. Grifos da fonte).

A observação de que a sociedade é heteronômica seria o momento de apontar para uma sociedade diferente desta que está sendo submetida à análise. Deste modo, a educação fica restrita a certos aspectos da vida social. Por isso ele se prende a um paradoxo quanto a questão individual. “É preciso se opor ao antiindividualismo autoritário. Porém, por outro lado, está não é questão fácil. A educação para a individualidade não pode ser postulada” (ADORNO, 2012f:152). Com isso, a educação precisa se opor ao antiindividualismo autoritário, ou seja, o individualismo precisa ser preservado da destruição pelo processo educacional, e, ao mesmo tempo, não se deve postular uma educação para a individualidade.

O problema da educação que se impõe nesta medida é saber se por meio da educação pode-se transformar algo decisivo em relação à barbárie. Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização (...), mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo (...). Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade (ADORNO, 2012g:155).

Adorno formula um objetivo que ele aponta como sendo fundamental para que seja obtido com os atos pedagógicos, que é o da superação da barbárie. Ele observa que esta barbárie a ser superada se encontra instalada no interior das sociedades civilizadas da atualidade. Estas sociedades contam com um grande progresso tecnológicos sem que todas as pessoas estejam à altura destes próprios meios disponíveis. Este desnível de domínio de tecnologias coloca uma parte das pessoas em atraso com relação às outras pessoas. E, este desnível se torna um potencial explosivo de atitudes violentas contra a própria civilização. Algo se torna necessário para garantir a sobrevivência da humanidade. Assim, desponta a relevância dos atos pedagógicos.

Na questão “O que é possível à educação?” Sempre nos defrontamos com o problema de até que ponto uma vontade consciente introduz fatos na educação que, por sua vez, provocam indiretamente a barbárie (...). Suspeito que a barbárie

existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto, a identificação com a erupção da violência física (ADORNO, 2012g:156, 157, 158 e 159).

Este é o aspecto decisivo para a educação em Adorno. Isto fica mais evidente quando vemos o tópico seguinte deste trabalho. Aqui, ele ressalta a sociedade do ponto de vista da cultura de um modo que o faz herdeiro da teoria freudiana quando ao afirmar: “Sucedem, vezes, que um estado evolutivo ulterior e superior que foi abandonado não pode ser alcançado de novo, porém, os estados primitivos podem sempre ser reconstituídos; o anímico primitivo é absolutamente imperativo” (FREUD, 1972: 2108).

Este é o fundamento da sua reflexão para sustentar a possibilidade de uma regressão ao estado de barbárie que se manifesta no interior da chamada civilização. Para evitar o predomínio da barbárie Adorno revela um aspecto fundamental de sua teoria educacional que aponta para a superação do individualismo na realização dos atos pedagógicos: “Partilho inteiramente do ponto de vista segundo o qual a competição é um princípio no fundo contrário a uma educação humana” (ADORNO, 2012g:161). Mas, esta postura ficou restrita ao contexto educacional, e, ele não conseguiu aventurar-se numa utopia que superasse a sociedade atual. Mas, quem executa os atos pedagógicos?

3.1 – Quem educa quem, e como o faz?

Não resta dúvida de que Adorno expressa como objetivo da educação a realização de uma emancipação das pessoas envolvidas no conjunto dos atos pedagógicos. É notório que Adorno expressa como objetivo da educação a realização de uma emancipação das pessoas envolvidas no conjunto dos atos pedagógicos. Ele sustenta que é necessário ter atenção a um aspecto relevante que:

Em relação a esta questão, gostaria apenas de atentar a um momento específico no conceito de modelo ideal, o da *heteronomia*, o momento autoritário, o que é imposto a partir do exterior. Nele existe algo de usurpatório. É de se perguntar de onde alguém se considera no direito de decidir a respeito da educação dos outros. As condições – provenientes do mesmo plano de linguagem e de pensamento ou de não-pensamento – em geral também correspondem a este modo de pensar. Encontra-se em contradição com a ideia de um homem autônomo, emancipado, conforme a formulação definitiva de Kant na exigência de que os homens tenham que se libertar de sua auto inculpável minoridade (ADORNO, 2012f:141. Grifos da fonte).

A base kantiana reaparece em Adorno nesta argumentação, num momento em que ela comporta uma concepção de ser humano. Este é um dos aspectos fundamentais para o processo educacional. Voltaremos à sua concepção de ser humano e ao aspecto utópico que isto comporta (3.2). Aqui, é relevante fazer duas observações:

1) O filósofo expressa a sua oposição à heteronomia. Ele delimita o seu pensamento às condições e ao exercício dos atos pedagógicos, e, assim, a heteronomia é aplicada ao processo de ensino e de aprendizagem, porém, ele mesmo não desenvolveu uma concepção de educação que fosse um desdobramento deste elemento que poderia ser um ponto de partida inovador.

2) Seria o momento de questionar o relacionamento autoritário predominante entre docentes e discentes e relacionar este tipo de relação como sendo própria da sociedade atual. Mas, o filósofo se restringe à educação. Aqui, ele poderia definir a necessidade de que estas relações se constituíssem de modo democrático e dialogal, como Freire elaborou posteriormente, além de fazer com que a educação se constitua como um questionamento da sociedade onde ela mesma acontece, e sustentou que “o diálogo crítico e libertador, por isto mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja a luta por sua libertação” (FREIRE, 1987:52). Isto pressupõe a adoção de uma utopia que supere a sociedade atual.

A postura de Adorno permanece na contraposição entre barbárie e civilização. É este o tópico teórico de suas reflexões. É com esta inserção teórica que o filósofo pensa os agentes sociais diversos, e, entre eles, os que realizam atos pedagógicos: o grupo de docentes.

Pode-se perguntar por que o tabu arcaico, e a ambivalência arcaica foram transferidos justamente aos professores, em quanto outras profissões intelectuais ficaram livres deles (...). Os juristas e os médicos não se subordinaram àquele tabu e são igualmente profissões intelectuais. Mas, estas constituem o que se chama hoje de profissões livres. Subordinam-se à disputa concorrencial; são providos de melhores oportunidades materiais, mas não são contidas e garantidas por uma hierarquia de servidor público, e por causa dessa liberdade gozam de maior prestígio (ADORNO, 2012d:103).

As observações sobre a atuação docente a coloca subordinada a uma determinação cultural impressionante. Ele compara a situação dos professores com aquela em que os médicos e juristas se encontram. Para ele, os professores assimilaram “o tabu arcaico e a ambivalência”, enquanto outros profissionais, também intelectuais ficaram livres de tudo isto. Assim, os atos pedagógicos são exercidos por pessoas que estão em uma condição social, econômica e cultural superada pela sociedade. Os professores estão submetidos a uma hierarquia enquanto servidores públicos, enquanto médicos e juristas estão sujeitos à disputa concorrencial, estão situados de maneira melhor na sociedade com relação às oportunidades materiais. Eles são mais livres, contam com maior prestígio.

Algo distinto acontece com relação ao exercício do poder no exercício profissional docente com relação aos outros profissionais. Isto acontece em prejuízo para a imagem dos docentes. “O poder do professor é execrado porque só parodia o poder verdadeiro, que é admirado (...). Ainda que em termos bastante

brandos, repete-se na imagem do professor algo da imagem tão afetivamente carregada do carrasco” (ADORNO, 2012d:58 e 107).

O que Adorno aponta é uma visão muito pejorativa dos docentes alemães. Esta visão sobre os docentes que ele aponta como sendo recorrente no período pós II Guerra é muito mais antigo. Esta visão social sobre os docentes tem como fundamento a maneira concretamente autoritária como eles mesmos exerciam as atividades educacionais. Isto demonstra que a preparação pedagógica das pessoas que assumiram a docência não correspondia às aspirações por uma sociedade diferente daquela em que viviam. Uma sociedade, com aspectos culturais, políticos e sociais autoritários favorece a execução de atos pedagógicos envolvidos em autoritarismos.

Os docentes repetiam as práticas que assimilaram em seus momentos de formação profissional sem nenhum questionamento, tanto ao exercício de um poder autoritário, quanto as consequências que este tipo de postura acarreta para as pessoas e para a imagem social dos professores. Mas, a prática docente já fundamentava esta visão sobre os docentes a pelo menos vinte anos antes na Alemanha.

Em 1921, um professor da região suábica decidiu entregar ao público o balanço de sua carreira. Julgando que as cifras eram mais eloquentes do que a bela retórica pedagógica, ele achou que era mais simples apresentar um resumo de seus métodos por meio de estatísticas. Em trinta anos de profissão, administrara aos seus alunos 911.500 bengaladas, 124.000 chicotadas, 209.000 suspensões, 130.000 reguadas na pala das mãos, 10,200 socos na orelha, 223.700 bofetadas (RICHARD, 1988:163).

Este é o fundamento mais sério da heteronomia que Adorno aponta como uma das características da organização educacional, e não chega a avaliar que esta prática corresponde ao nível dos relacionamentos humanos na sociedade alemã (3.1). Uma educação com este perfil nunca será questionadora das condições sociais gerais em que as pessoas se encontram. A educação estava sendo exercida como uma prática reprodutora difusora de ideologias próprias do poder autoritário presente na sociedade.

O relatório pelo qual o professor da citação acima faz um balanço de sua carreira docente demonstra que a postura autoritária dos professores era socialmente acatada e de acordo com os padrões institucionais do Estado. Caso contrário, isto seria objeto de denúncias, e nunca de um relatório pessoal sobre a própria prática docente.

O próprio Adorno não consegue fazer uma apreciação crítica profunda do aparelho escolar. “A escola possui uma tendência imanente a se estabelecer como esfera da própria vida e dotada de legislação própria. É difícil decidir até que ponto isto é necessário para que ela realize a sua tarefa; certamente não se trata só de ideologia (ADORNO, 2012d:114-115). A ausência uma análise sobre as relações entre Escola e Estado impediu Adorno de realizar uma crítica sobre a educação e

a sociedade com a sua política onde os atos pedagógicos se efetivavam. O que ele chama de esfera própria da escola, não conta com uma autonomia tão significativa para a sua existência e para as suas atividades.

Após tecer estas considerações, o filósofo considera um veículo relevante para consolidar as relações e opiniões da população: a televisão com o conjunto dos meios de comunicação. A consideração que ele formulou em breves palavras é: “O veículo técnico da televisão é novo. Mas os atuais conteúdos, procedimentos e tudo o que se relaciona aos mesmos ainda são mais ou menos tradicionais” (ADORNO, 2012c:94). Isto aponta para a função que a comunicação exerce na sociedade. Ela exerce a função de reproduzir as ideias e os comportamentos que sustentam a chamada ordem social. Os conteúdos emitidos por este conjunto de veículos correspondem ao que favorecem à dominação social, o que não ser muito relevante para Adorno, como veremos a seguir.

3.2 – A concepção adorniana de ser humano

Os pressupostos filosóficos constituem uma determinante fundamental da concepção sobre o ser humano. Aqui está a postulação teórica do que é esperado como a constituição da identidade ampla e geral do ser. Trata-se de determinações abstratas. Outra determinação fundamental da concepção de ser humano é implementação de atitudes consideradas corretas para a convivência social, em consonância ou não com a primeira determinação. É por que se definiu o ser humano como sendo um ser social, conforme o conjunto de relações que herda, estabelece e modifica nas transformações pelas quais passa em algum contexto vivencial. É um modo de ser em mudanças. Agora, trata-se de um outro conjunto de determinações, e, estas, por sua vez, são determinações reais, ou concretas. Estas determinantes não aparecem nas elaborações de Adorno. Diferentemente disto, ele afirma:

Penso que o momento da autoridade seja pressuposto como momento genético pelo processo de emancipação. Mas de maneira alguma isto deve possibilitar o mau uso de glorificar e conservar esta etapa, e quando isto ocorre os resultados não serão apenas mutilações psicológicas, mas justamente aqueles fenômenos do estado de menoridade, no sentido da idiotia sintética que hoje constatamos em todos os cantos e paragens (ADORNO, 2012h:177).

Adorno expressa a sua preocupação com a emancipação. E, coloca o momento da autoridade como um pressuposto, e chama a atenção para o uso incorreto desta autoridade, que, se assim se efetivar ela acarreta o estado de menoridade com os seus desdobramentos. Com esta afirmação, o filósofo frankfurtiano deixa transparecer mais uma vez, a sua filiação à filosofia de Kant, na obra *Filosofia da História*. É neste texto que o filósofo do idealismo clássico alemão deixou de modo mais claro a sua concepção de ser humano. Diz Kant:

O Iluminismo é emancipação do ser humano de sua imaturidade auto imposta. *Imaturidade* é a incapacidade de fazer uso de seu intelecto sem a direção do outro. Esta imaturidade é auto imposta quando sua causa não reside na falta de intelecto, mas sim em uma falta de vontade e coragem para fazer uso de seu intelecto sem a direção do outro. “*Sapere aude!*” Tenha coragem de fazer uso de seu próprio intelecto! Este é, portanto, o lema do iluminismo. Ócio e covardia são as razões pelas quais uma grande parte da humanidade continua a gostar de seu estado de pupilo, mesmo depois de a natureza ter nos libertado desta estranha tutela (*naturaliter maiores*); e estas são também as razões por que é tão fácil para que outros possam estabelecer-se como tutores. É muito confortável ser imaturo (...). Os tutores que gentilmente assumiram a responsabilidade de supervisão têm garantido que a maior parte da humanidade (incluindo a totalidade do belo sexo) compreenda o progresso em direção à maturidade como sendo não apenas árduo, mas igualmente perigoso (KANT, 2012:13. Grifos da fonte).

A filosofia de Kant distingue os seres humanos em maduros e imaturos. Os seres imaturos precisam e gostam de estarem na condição de tutelados, e inclui a totalidade das mulheres entre os que se acomodam sob uma tutela. O clássico alemão aponta a filosofia Iluminista como a que realiza a emancipação do ser humano como o seu lema: “tenha coragem de fazer uso de seu próprio intelecto!”.

Depois, ele aponta as componentes do ócio e da covardia como sendo as razões pelas quais parte dos seres humanos permanecem no estado de pupilo, ou seja, na imaturidade. E, ainda, a imaturidade é uma condição auto imposta pelos seres humanos. É esta base filosófica que possibilita o entendimento pleno da reflexão de Adorno. Assim, a menoridade é resultante de uma escolha e de uma acomodação, por falta de ação e por atitude covarde. Adorno aponta a necessidade de uma autoridade que proporcione o desenvolvimento dos seres humanos a um novo estado: a emancipação.

A emancipação se resume em superar esta condição. A emancipação implica numa modificação dos seres humanos e no estabelecimento de um novo exercício da autoridade. Assim sendo, a hierarquia permanece inquestionável e como algo necessário no contexto social. A emancipação adorniana somente comporta um conjunto de determinações abstratas.

É com isto que Adorno avalia a educação alemã, e ele afirma que: “Parece-me ser possível claramente a partir de toda a concepção educacional até hoje existente na Alemanha Federal que no fundo não somos educados para a emancipação. (ADORNO, 2012h:169-170). Ele avalia a educação efetivada em seu país como desprovida de preocupações com a emancipação.

3.3 – A emancipação: a necessidade de sua constituição e a sua natureza

Em Adorno, a emancipação se efetiva numa sociedade como o contexto em que ela pode acontecer. A concretude da emancipação está numa sociedade que propicie o seu sustento e continuidade efetiva. Há uma correlação entre emancipação e democracia. “Uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas

operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado” (ADORNO, 2012f:141-142).

A democracia necessita de seres emancipados para existir, e, uma sociedade democrática é uma sociedade que somente permanece enquanto tal se os seus componentes forem seres emancipados. A educação precisa comportar como portadora da missão de emancipar os seres humanos. “A única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência” (ADORNO, 2012h:183).

Por isso, a educação deve se constituir de dois aspectos fundamentais: a) comportar um a percepção da contradição social entre a tendência à regressão para a barbárie e a tendência que sustenta e que mantém a civilização; b) constituir um esforço e junção de energias que sustente uma resistência aos processos que visam uma regressão social. É a democracia que foi implantada na Alemanha de pois do fim do grande conflito mundial que constitui a situação que Adorno que se torne estável e que a possibilidades de ocorrer quaisquer regressões a uma situação precedente seja eliminada. É esta configuração política da sociedade que ele defende que seja preservada de retrocessos. É com esta forma de poder político que ele contextualiza o exercício da autoridade. “Penso que o momento da autoridade seja pressuposto como um momento genérico pelo processo da emancipação” (ADORNO, 2012g:177). Ela aponta a emancipação como algo que ainda precisa ser efetivado na Alemanha.

Não só a sociedade, tal como ela existe, mantém o homem não-emancipado, mas porque qualquer tentativa séria de conduzir a sociedade à emancipação – evito de propósito a palavra “educar” – é submetida a resistências enormes, e porque tudo o que há de ruim no mundo imediatamente encontra seus advogados loquazes, que procuram demonstrar que justamente o que pretendemos encontra-se de há muito superado ou então está desatualizado ou é utópico. Prefiro encerrar a conversa sugerindo à atenção dos nossos ouvintes o fenômeno de que, justamente quando é grande a ânsia de transformar, a repressão se torna muito fácil; que as tentativas de transformar efetivamente o nosso mundo em um aspecto específico qualquer imediatamente são submetidas à potência avassaladora do existente e parecem condenadas à impotência. Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz (ADORNO, 2012h:185).

O autor contextualiza a emancipação numa sociedade que comporta contradições internas. Estas contradições são apresentadas como um conjunto de “homens não-emancipados” e os que se encontram emancipados. A passagem da primeira condição para a segunda condição pode ser realizada pela educação, que é uma palavra que ele procura evitar de imediato nesta argumentação. Ele justifica

esta atitude pelo fato de ela encontrar resistências por pessoas que não se interessam em realizar esta emancipação de um modo geral. A impotência manifesta nos momentos da busca de superação da falta de emancipação precisa ser convertida em força impulsionadora de transformações. É preciso romper os laços que mantêm seres humanos na condição de não emancipados. Isto implica em contrapor interesses geradores de conflitos na sociedade e provocadores de ações de repressão.

Se esta sociedade atual se desenvolveu tecnologicamente, as pessoas necessitam obter oportunidades de conhecer e de utilizar estas tecnologias caso contrário, isto vai conter um conjunto de forças com potencial regressivo que pode se manifestar em algum momento. As atividades educacionais precisam conter estas preocupações e encontrar formas de tornar novos conteúdos acessíveis a todas as pessoas.

Quando alguém trabalhou como contador e se tornou supérfluo pela introdução das máquinas correspondentes, devendo passar por uma preparação educacional como programador, é necessário que não aprenda apenas o que deverá fazer, mas receba também uma outra perspectiva de orientação, uma outra dimensão de pensamento (ADORNO, 2012g:180).

As condições sociais de vida precisam estar acessíveis a todas as pessoas. Quando as condições de acesso a certas tecnologias fazem com que algumas pessoas se destaquem e passem a viver de modo muito diferenciado e numa condição de superioridade em relação outras pessoas, isto pode fazer com que as conquistas da civilização se tornam uma provocação e geradoras de impulsos regressivos. O pensamento de Adorno comporta esta consequência diante das desigualdades sociais. Isto acontece com os que exercem as funções educadoras no contexto alemão.

Permanece inquestionável a discrepância entre a posição material do docente e a sua exigência de *status* e poder, que deveriam lhe corresponder ao menos conforme prega a ideologia vigente. Esta discrepância não deixa de afetar o espírito (...). Haveria nisso a influência do tardio desenvolvimento burguês, da longa sobrevivência do feudalismo alemão que não era propriamente afeito ao espírito, que gerou a figura do mestre escola como sendo um serviçal (ADORNO, 2012d:100-101. Grifos da fonte).

Os professores perderam muito de seus *status* na sociedade. As transformações sociais pelas quais a Alemanha passou tem provocado diversas condições de vida que se torna muito preocupante. Ele explica isto, pela transformação que ocorreu no seu país, quando houve uma passagem de uma condição feudal para a condição burguesa de sociedade. Ele observa que a Alemanha passou por um período considerável sob a vigência do sistema feudal de produção e de governo. Nesta situação, o exercício da docência era própria de um serviçal do poder político. E que o desenvolvimento burguês da Alemanha ocorreu tardiamente com relação aos outros países mais avançados do mundo atual. A consciência social ainda comporta elementos constitutivos que são próprios de situações superadas, mas

que permanecem influentes no presente. Esta é uma preocupação a ser considerada no processo de educação que quer realizar a emancipação. O que se busca efetivar com isto é tornar o resultado efetivo dos grandes conflitos mundiais numa utopia a ser alcançada. Assim, ele, se não ataca claramente a utopia de uma sociedade com predomínio de um modo de produção socialmente comum, evita tratar disso.

O que certamente não se precisa, para acometer projetos históricos, é da utopização das instituições presentes, apresentando-as como única e definitiva saída, coisa que avilta os seres humanos, transformando-os em meras engrenagens de automatismos institucionais. Para evitar semelhante utopização do “*status-quo*”, a salvaguarda do horizonte utópico é imprescindível (ASSMANN, 1991:10).

Enquanto pensador que se fundamenta numa postura idealista, Adorno privilegia a consciência e menospreza a sua relação com o contexto historicamente em transformação, fazendo do seu tempo, o momento definitivo da humanidade. Ele poderia ter superado este limite se tivesse lido alguns trechos de O Capital de Marx que trata da contextualização móvel do modo de produção capitalista e a inserção dos professores neste contexto.

Coisificar faz parte da utilização das energias físicas e mentais humanas na produção de mercadorias. Existe uma tensão permanente entre o valor de uso e o valor de troca em cada mercadoria. A constatação disso poderia fazê-lo ir além de Hegel no idealismo alemão. Isto está disponível no texto do “processo de trabalho, processo de valorização” (MARX, 1988, p. 142-156). A constituição de grupos humanos em classes sociais acontece com a estruturação da sociedade em uma parte minoritária que se torna proprietária dos meios de produção, e uma maioria que só pode sobreviver com o que obtém com a venda da força de trabalho. O texto “a taxa de mais valia” (MARX, 1988, p. 165-175) aponta exemplos de docentes e outros ideólogos inseridos na dinâmica de O Capital e como eles tomam partido nas questões fundamentais da vida em sociedade. Quanto a estes aspectos, fica evidente a necessidade de desenvolver uma discussão que não é possível ser feita neste espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adorno tem a relevância de provocar uma discussão sobre a situação das pessoas numa Alemanha que passa pela superação do trauma de ter sido o epicentro de dois conflitos mundiais. As preocupações que definem os conteúdos de suas reflexões se situam geograficamente nos espaços que foram palco destes acontecimentos e das consequências sociais, culturais, econômicas e políticas destes conflitos para o mundo e para o país onde viveu.

Os aspectos concretos de suas preocupações vitais ficaram delimitados na passagem da Alemanha do feudalismo ao capitalismo com os desafios que isto representava para compatibilizar a sua pátria com a forma de governo mais aceita

sob a denominação geral de democracia. Os aspectos abstratos de seus posicionamentos o delimitam nos filósofos do idealismo clássico Alemão, principalmente em Kant. É desta filosofia que ele busca a base para propor a emancipação por meio das atividades educacionais.

A educação proposta por Adorno é voltada para realizar a emancipação. Nesta relação entre educação e emancipação ele aponta alguns problemas a serem superados. A emancipação, para ele, é a superação dos restos de feudalismo que sobrevivem em seu país, e que ele mesmo identifica como uma situação portadora de forças potenciais de regressão social a uma possível barbárie. É neste contexto que Adorno situa a missão que a educação precisa realizar. As pessoas precisam estar à altura de uma nova situação cultural que contenha forças que evitem e superem as forças que promovem qualquer regressão social.

O foco central desta elaboração é situar plenamente o seu país no contexto do capitalismo mundial, evitar que forças sociais presentes promovam um regresso à situação feudal e/ou nazista, fazendo da situação pós-guerra a utopia a ser alcançada.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. “O que significa elaborar o passado”. In. IDEM. *Educação e emancipação*. 6ª reimpressão. (Tradução: Wolfgang Leo Maar). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a, p. 29-49.
- _____. “A filosofia e os professores”. In. IDEM. *Educação e emancipação*. 6ª reimpressão. (Tradução: Wolfgang Leo Maar). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b, p. 51-74.
- _____. “Televisão e formação”. In. IDEM. *Educação e emancipação*. 6ª reimpressão. (Tradução: Wolfgang Leo Maar). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011c, p.75-95.
- _____. “Tabus acerca do magistério”. In. IDEM. *Educação e emancipação*. 6ª reimpressão. (Tradução: Wolfgang Leo Maar). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011d, p. 97-117.
- _____. “Educação após Auschwitz”. In. IDEM. *Educação e emancipação*. 6ª reimpressão. (Tradução: Wolfgang Leo Maar). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011e, p. 119-138.
- _____. “Educação – para quê?”. In. IDEM. *Educação e emancipação*. 6ª reimpressão. (Tradução: Wolfgang Leo Maar). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011f, p. 139-154.
- _____. “Educação contra a barbárie?”. In. IDEM. *Educação e emancipação*. 6ª reimpressão. (Tradução: Wolfgang Leo Maar). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011g, p. 155-168.
- ASSMANN, H. “Exterioridade e dignidade humana. Notas sobre os bloqueios da solidariedade no mundo de hoje”. In. *Revista Libertação-Liberación (Asociación filosofía y liberación)*. Ano II, nº 1, (1991), p. 7-15.
- BECKER. “Educação e emancipação”. In. IDEM. *Educação e emancipação*. 6ª reimpressão. (Tradução: Wolfgang Leo Maar). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011h, p. 169-185.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREITAG, B. *A teoria crítica ontem e hoje*. São Paulo: brasiliense, 2004.
- FREUD, S. “Considerações da atualidade sobre a guerra e a morte”. In. IDEM. *Obras Completas*. Tomo II, 3ª edição. Madrid: editorial Biblioteca Nueva, 1972, p. 2101-2117.
- GIRALDELLI JÚNIOR, P. Neopragmatismo, Escola de Frankfurt e marxismo. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- KANT, I. *Filosofia da História*. São Paulo: Ícone, 2012.
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- _____. “Processo de trabalho e processo de valorização”. In. *O capital. Livro I, Vol. I, Cap. V.*, São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 142-156.

_____. “A taxa de mais-valia” In. Idem. *O Capital*. Liv. I, Vol. I, cap. VII. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 165- 175.

SAES, D. *Democracia*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

_____. *Estado e democracia: Ensaios teóricos*. 2ª edição. Campinas: Gráfica do IFCH, 1988.

RICHARD, A. *República de Weimar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.